



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X * N.º 245 * PREÇO 1500

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Esta iniciativa começou por nós, sim, mas hoje já não é nossa. Não nos pertence. É a ideia em marcha, tomada e repetida por um grande número. Diríamos mesmo que ela caminha a passos de gigante. Coisa admirável!

Para não citarmos outros casos, havendo dado uma casa à comissão de Amarante, estão hoje ali seis construídas com tendências para subir! Havendo nós entregado duas casas à comissão de Tomar, estão já cinco ocupadas e eles vão fazer dez! Este mesmo número de dez, nasceu de duas delas, que modestamente entregamos aos Vicentinos e Jicistas de Braga. Mas ali vão-se fazer muitas mais! Ora estes três casos elucidam. Dito deles, dito de todo o país. Breve virá o tempo em que mil famílias pobres hão-de dizer bem de tudo e de todos, sem alimentar invejas das mercês que Deus faz a outrém, por amor desta que nós lhes fazemos. Assim se lança o equilíbrio moral e a saúde nos membros vivos do Corpo de Cristo.

As facilidades que a Câmara do Porto nos concede, valem tanto como o terreno que a mesma colocou à disposição do Património dos Pobres. Tanto mais para apreciar, quanto é certo serem muitas e permanentes as queixas de quem se mete a construir dentro dos muros de qualquer cidade. É desta sorte, graças aos bons officios de quem assim nos abre caminho, vai o pároco do Carvalh do começar com a primeira dúzia na sua freguesia, até que outros se prepararam para outras. A velocidade cresce com o número. Quanto mais, mais. As primeiras cem já estão. As duzentas chegam depressa. As quinhentas representam a aproximação das mil. Porquê? Por via da dignidade do homem. Ora aqui temos.

É precisamente a força desta dignidade do homem, que vai dirigir nossos passos para outras grandes urgências sociais. Quero-me referir à velhice e às chamadas doenças incuráveis. Para estas, sobretudo, urge uma casa. Nunca o homem precisa tanto de auxílio como quando tem de morrer e não sabe como nem aonde. Não há hora mais decisiva do que a derradeira. Nada mais lucrativo do que estar presente a ela. Não há voz que mais alto chame do que a do moribundo, ainda que mal se ouça! Ora é justamente para tudo isto que nós, querendo Deus, nos havemos de voltar. Uma Residência. Casa de Repouso lhe havemos de chamar. Repouso dos sofrimentos. Havemos de retirar a tabuleta do incurável. Nos planos de Deus tudo é positivo. Tudo é cura. Tudo é para a Sua

glória. Quantas curas se não operam a cada momento e em toda a parte na alma dos incuráveis! E quantas na alma de quem lhes assiste! Deus é admirável nas suas obras e nos seus santos!

Se para a obra do Património tanto temos recebido, quanto não havemos de receber para a Casa de Repouso dos que não têm aonde morrer!

UMA CARTA

É com maior alegria e satisfação que lhe escrevo esta carta. Pois já me encontro a trabalhar na oficina Nuno Álvares em Gouveia. O patrão da oficina é muito meu amigo e recebeu-me muito bem assim que soube que eu era gaiato. E eu quero que ele continue a ser meu amigo.

As máquinas são automáticas, são elas que metem o papel e são elas que o tiram. É a primeira vez que vejo máquinas assim. Quando tiver alguma máquina automática e quiser que eu lá vá para ensinar os rapazes, eu vou da melhor vontade para essa obra que é minha.

Eu faço as mesmas horas religiosas daí. Rezo o meu terço antes de me deitar, vou à minha missa aos domingos; faço o que um cristão deve fazer e rezo por a minha obra que é essa, para que cada vez se torne mais conhecida e amada pelo povo português.

Foi há nove anos, instalados de fresco em Paço de Sousa, que se recebeu um pedido do então Governador Civil da Guarda. Tinha sido fechado ali um asilo e dos rapazes que lá havia, ficou um que ninguém quis. Pediram que o aceitássemos e eu disse que sim. Ninguém queria...

O rapaz apresenta-se. Chama-se Jacinto de Jesus e começa por bater as teclas do nosso sistema caseiro. Teve muitas obrigações. Fugiu algumas vezes e regressou. Foi às sortes. Ficou livre. Aplicou-se e era ultimamente um tipógrafo impressor. Chega a idade de se retirar. Tem 23 anos. Tem o exame da 4ª classe. Sabe um bocadinho do seu officio. Levantou um bom peculho das suas economias feitas aqui. Tem qualidades. Tem defeitos. É um homem.

A primeira carta que o Jacinto nos manda, diz bem dele. Que o nosso bom Deus o ajude!

Saído que foi este para a Guarda, eis o António Filomeno em Trancoso. Ele nasceu e tem irmãos por ali perto. Está hoje num bom emprego. Assim ele o segure e nos mande uma carta tão boa como esta do Jacinto. Se

De Quelimane a Moçambique é um instante. Em nossos dias tudo se faz num instante. É a pressa de chegar. O desejo de ser o primeiro. E nós assim fizemos; podendo ter ido por mar escolhemos o avião que nos deixou no Lumbo em pouco mais de uma hora. Ali éramos esperados por alguns amigos da Ilha de Moçambique. Uma lancha da casa Ferreira dos Santos, tinha sido posta à disposição deles e nela fizemos a travessia de regresso.

Lumbo é a testa do caminho de ferro que vai a Nampula e segue para a África Central. A população quis-nos receber, tendo, para isso, reunido todos os seus elementos. Muitas crianças. Muitas famílias. Tudo gente de Portugal. Pernoitamos no hotel, que não tem par por ser pequena a população; e que fosse grande, dificilmente teria, por seu tamanho, conforto e ótimo serviço. Ali nada falta. Tudo é previsto.

Eram quatro da tarde quando a lancha atracou à ponte cais e eu só dei fé que a hora obedecia a um programa, quando vejo, em cima, a multidão e os sinos da igreja de S. Paulo a repicar! Senti-me diminuído; quisera ser recebido como quem sou. Intimamente devolvi tudo ao Álvaro Barbosa, que é de meu sangue, resíduo ali há 30 anos e por sua causa me fizeram a festa.

A Ilha de Moçambique é uma concha do mar, que num instante se percorre. São dois quilómetros de comprimento e muito menos de largura. Os homens de 1500 encheram e ornaram a concha com tal arte e argamaça, que ela é hoje o que era então! Senão tal qual, a Fortaleza ainda diz tudo. As casas de habitação têm o

nós tivéssemos possibilidades de remeter o educando à terra da sua naturalidade, era isto que fazíamos de preferência às cidades. Mais saúde, mais sol, menos perigos.

Gostei de mandar o Filomeno para Trancoso. Havia pouco que ali tinha passado e mal diria que tão cedo me havia de ligar à terra pelos laços de um rapaz. Parei um nadinha na vila. Admirei o musgo, os braços, os séculos. Indaguei e disseram-me que não senhor; não existe monografia daquela terra e é pena porquanto, tudo quanto ali se vê, representa uma extensa página da história dos portugueses. Que o António Filomeno proceda.

Também se foi embora o sucessor do antigo Periquito com exame da 4ª classe, seu officio de barbeiro e suas economias. É do Porto e para ali regressa. Uns dão lugar a outros.

Crónicas de África

talhe das do seu tempo, erguidas aqui na nossa terra. Até as dobradiças e os fechos e a pregaria das portas e das janelas nada diferem das suas irmãs. Foram os mesmos homens.

Se o arranjo e limpeza sofressem excessos, eu havia de dizer que isto se dá na Ilha! Não admira que ela seja tão visitada; durante os três dias que ali estivemos, chegaram dois barcos de visitantes. O povo da Ilha cada vez lhe quer mais. À maneira que Nampula ameaça e Nacala espreita, a população mais se afeiçoou, e mais se junta numa só voz..

Vivem ali cerca de dez mil indivíduos, sendo muito de notar que nem idades, nem cor, nem credo, tiram nada ao grande espírito de família. Família portuguesa. Nós temos esta ciência e com ela colonizamos. Todos quantos vivem debaixo da nossa bandeira, num instante se tornam portugueses pelo coração. Muitos estrangeiros conheci eu noutra tempo, que escolhiam Portugal, quando das férias. Amavam as coisas portuguesas. Hoje ainda é assim. Nós temos esta ciência. Ali na Ilha existem uns oito mil pretos.

Podéria alguém lembrar-se do perigo de sublevações. Mas não. Todos se fazem portugueses por ser essa a bandeira da Fortaleza.

Sei de um senhor de muita categoria, que percorreu toda a África Central em viagem de estudo. A todos os pretos ia perguntando o nome dos seus chefes e da sua tribo e de todos ouvia diferentemente. Chegado que foi à terra portuguesa, faz a mesma pergunta e ouve o que não contava: Nós somos portugueses!

Tínhamos acabado o nosso tempo e chega a hora da retirada. A mesma lancha. Os mesmos amigos. Mais abraços, — agora de despedida.

Descemos em Quelimane para almoçar. Em Inhambane por gazolina. Dali a Lourenço Marques foi um golpe. É o regresso a Portugal!

A mesma notícia

Ontem foi o dia e mais vezes acontece chegar aqui uma ou várias camionetas cheias de gente, fora d'horas e dias da semana. A princípio não sabia, mas agora sim. Vem de Balazar.

Eu acredito no sobrenatural. Deus é admirável em Suas obras. Não repugna admitir que Ele ponha o dedo naquela terra assinalando uma crestrura de lá — não repugna. O que se me afigura despropositado é a corrente dos que ali vão.

Saber é uma coisa. Ver é outra. O primeiro caso, é alimento interior da vida dos crentes.

(Continua na segunda página)



Aqui, LISBOA!

Outro dia, um pobre meu velho conhecido — que da sua mingueta ainda reparte com a nora e a neta que a má cabeça dum filho deixou desamparadas — me contava felizes azarões da sua vida.

A manhã corra o mal. A tarde trouxe-lhe a necessidade de escolher entre a volta pelos benfeitores e um acto de caridade prestado a um companheiro de infortúnio. Pensou que Deus não dorme e optou pelo acto de caridade. Não escolheu errado. Deus vela e nessa mesma tarde ele foi abordado na rua por alguém que o conhecia sem ele o saber e logo lhe deu uma boa esmola e lhe prometeu com regularidade.

Ele contava-me no tom dum acto de fé. E eu gosto de meditar nestas manifestações da Divina Providência, que o mundo descrente chama casos. Gosto de os meditar. Como gosto muito de recordar o que é, mas sobretudo o que foram os princípios da Obra da Rua. Nem dinheiro, nem um jornal que levasse ao mundo o eco da sua precisão, nem expedientes humanos para o obter. Nada... a não ser o Pai Celeste que vela e não dorme. E acaso faltou alguma coisa?

Hoje a Obra é conhecida e amada e ajudada na mesma proporção. Tem no «Famoso» uma voz ansiosamente escutada. Mas no começo como foi? Nem o Pai Américo o sabe... Apenas sabe que Deus é e é Pai de infinita misericórdia.

O mistério está agora menos velado e o milagre que mais admira é o perseverante entusiasmo com que todos acorrem. Nomes que se repetem dezenas de vezes. Sacrifícios multiplicados. Exemplos seguidos.

Desde o último mês, visitantes deixaram 100\$ e 50\$ e 120\$, mais 50\$ e 70\$ e 152\$. Do Cacém um aparelho de telefonia Air-King. 500\$ para a mercearia das duas primeiras casas de pobres a entregar e roupa para 6 camas das mesmas.

De Lisboa, em vale 500\$. Mais 149\$50 de visitantes. Para o Património 50\$ de migalhas apanhadas pela «Formiga».

Produtos Lácteos volta não sei pela vez número qual com 181\$50 e os empregados da Vacuum pela 73.ª vez com 1 185\$. Na última crónica saiu diminuída de 100\$ a quantia da 72.ª prestação.

Os pobres da nossa conferência foram lembrados nas Caldas da Rainha com 50\$. «Uma cristã católica, em cumprimento dum dever» manda 100\$ para duas telhas do Património. Na terminologia dos erros e das fraquezas dos homens tem sua explicação esta de «cristã católica». Mas não assim na da Verdade de N. S. Jesus Cristo.

Mafra descanse que a seu tempo foi celebrada a missa pedida de lá. Agora, aqui vai uma daquelas gotinhas de heroísmo que são o nosso sustento: «Sou pobre e encontrando-me aflita, mando esta insignificân-

Aumento de fé. Deus manifesta-se de várias maneiras. Está entre nós. Dirige. Governa. E que grande conforto na nossa carreira! O segundo caso não. Não é preciso ir, sobretudo com um tamanho alvo-roço. Temos nos nossos Sacrários tudo e muito mais do que aquilo que porventura ali se veja ou ouça. E até podemos importunar a quem está em sua casa, desnecessariamente.

cia», 5\$. Mais romeiros piedosos com 50\$.

A nossa igreja em reconstrução tem os seus especiais benfeitores: Alguém manda 25\$; «uma mãe» 50\$; e outro alguém toda a madeira para o chão e ainda para mais 10 casas do Património.

No Lar 50\$ para uma missa. Este e outros pedidos identicos têm sido satisfeitos.

De Paço de Arcos, em carta, 20\$ e do Aeroporto das Lages 20\$ para o Património. Nas ruas de Lisboa 20\$ para a gasolina. A Vacuum já nos dá 40 litros dela por mês, mas isto é uma gota para as necessidades actuais com Lar em Lisboa e colónias na Ericeira. Agora, por mal de nossos pecados, estamos quase transformados de Padres da Rua em Padres da Estrada.

Uma pobre da R. da Barroca que se chocou com a sorte do pai com 5 filhos, 100\$. Uma pobre a dar 100\$! Mais her. ímo. 25\$ da costumada «figueirense» e 50\$ da R. Alves Correia por intermédio do Octávio. Entregue à mão 20\$, nos Olivais e outros 20\$ numa rua de Lisboa. Mais 200\$ de algures.

Dos empregados do Registo Predial 100\$. Visitantes explicaram-se com outro tanto. No Lar 5 litros de azeite, peras e ameixas e lenha.

Para a celebração de uma missa pedindo uma graça e para uma criança necessitada 50\$. De Vila Real, por carta, 20\$. 690\$ de visitantes. Mais 30\$ por alma de «meu pai». Mais roupas usadas. E até à próxima se Deus quiser.

C. G.



Era na rua dos Mercadores, quarto andar de uma casa com alguns outros. Quanto mais se sobe, mais lixo. No corredor, estava um homem ainda moço, triste e como que perdido em um tão limitado espaço. Trabalha nas descargas quando há vapores; há cinco dias que não ganhava, por isso mesmo triste e perdido! Faço perguntas. Sua mulher anda nas injeções, a Cedofeita. A pequenina que ali me levou, é um caso de Sanatório marítimo. Oxalá me escutem. Ao pé dela, eram dois rapazes de 9 e 11 anos. Estes todos e mais dois que não estavam, habitam um quarto interior por cinco escudos diários. Pai. Mãe. Cinco filhos. Eu vi.

Começo a descer. De todas as portas me chamam pelo nome. Aqui era um rapaz de 16 anos estendido na cama, com um sobretudo velho por cima. A mãe dizia-me está na cura. Esta maneira de dizer trouxe o doente do sanatório, implantou em casa e do pobre mãe adopta, sim mas aquilo não é cura nenhuma. O sítio! Os meios! O abandono! Qual cura?! A mãe do doente é nova. Nada lhe perguntei, mas ela informa que seu filho foi mandado embora por incurável, há mais de um ano; e que o senhor doutor se admira de ele ainda estar vivo.

De acordo. Dê-se a cama dos sanatórios a quem pode aproveitar. Porém, o erro, a meu ver, é tomar o Homem por sucata e deitá-lo fora se

Tribuna dos enamorados

Cartas azedas não podemos publicar, conquanto todos os dias elas nos cheguem à mão; — não podemos. Mas deste teor sim. Fazem bem aos que escrevem; bem a quem lê. Bemaventurados os que têm fome e sede de justiça!

«Conheço através da leitura a grandiosíssima Obra. Admiro-a e sempre que leio o «Gaiato», sinto-me sensibilizada, mais por não poder contribuir com uma boa cota mensal.

Sou regente escolar, ganho 400\$00 mensais. Tenho as quatro classes e exames de Admissão ao Liceu; sou só obrigada a habitar até à 3.ª classe, mas gosto de limpar pedras duras, e nunca levei um centavo pelos exames de Admissão. Tenho que me vestir, calçar, comer, etc. com 400\$00. Tenho que me apresentar decente pelo menos, e pouco ou quase nada me fica, razão porque não posso satisfazer o meu desejo. Pelo menos ser assinante do jornal. É pouco, é nada, mas — valha-nos a boa vontade — é tudo quanto posso dar, por agora.

Hei-de ver se consigo fazer o mínimo de despesas para poder auxiliar vos.»

«Para v/ os meus cumprimentos, com preces a Deus para que lhe prolongue a vida, tão necessária à continuação da Obra que, milagrosamente, tem consuído. Todos sabemos, sim, dos trabalhos e das contrariedades por que terá passado. No entanto, não imploro a Deus que lhe minore os sacrifícios. Ingratidão? Maldade? Egoísmo? Não, Senhor Padre Amé-

rico. É que eu sei perfeitamente que as dificuldades, os dissabores, os contratempos, têm sido as causas que mais levam a sua alma, ao eterno sacrifício a que se dedicou incondicionalmente.»

«Quando, em família, eu e minha mulher acabamos de recitar o terço, sentamo-nos e disse-lhe: olha tu vais oferecer e disses-lhe: tuas camisas e eu duas das minhas camisolas, uma peça para cada um dos conjuges dos dois novos lares cristãos que brevemente vão unir-se na secular igreja de Paço de Sousa. — Imediatamente chegamos a acordo.

Aqui estão pois as 4 peças, pedindo para as entregar aos novos com os maiores desejos de muitas felicidades, mil parabéns e graças de Deus sem conta. — Estas prendas, insignificantes no valor, são todavia grandes, pelo amor com que são ofertadas. São as primeiras peças que cobrem a nudez, portanto, as que mais perto ficam do coração. São ainda do enxoval que trouxemos quando as nossas almas se unificaram numa só. São novas, sem uso algum. Os dois novos casais mereciam mais, mas nós temos os nossos filhinhos e gente pobre na família.

Sr. Padre Américo, que sejam tão felizes como nós somos. O nosso jovem lar é rico de bênçãos do Senhor. Casamo-nos em Agosto de 48 e em 23 de Abrii deste ano, Deus, mandou-nos o 4.º rebento. São todos vivos e sádios, assim como nós. Dizemos como o Pai Américo, bendito seja o Senhor Deus de Israel.

Os três primeiros, mesmo antes de nascerem, já mandaram por nosso intermédio o primeiro dinheiro que havíamos de receber do seu abono de família e agora, juntamente mandamos 100\$00 correspondentes também ao primeiro desta, a nossa Maria de Fátima, que nasceu este ano.

Explique aos dois novos casais, Pai Américo, que a família é isto: os filhos, verdadeira coroa de glória que cinge a fronte da união íntima de dois seres que, por graça de Deus são um só. Uma oração pequena é o que pedem os assinantes 9976 »

«Pela presente envio um vale de correio na importância de 140\$00, para cumprimento duma promessa feita a Nosso Senhor pela minha promoção, pedindo ao bom Pai Américo, como lhe chamam os seus gaiatos e como eu também lhe chamo quando me refiro ao «Famoso», o favor de o distribuir pelos pobres da Conferência de S. Vicente de Paulo, mais necessitado.

Sinto pena em ser uma pequena quantia, mas sou pobre e tenho minha mãe, viúva, a meu cargo. Tivesse eu muito e muito daria, pois só pelo bem que o vosso jornal faz à minha alma ao fazer-me derramar lágrimas de arrependimento pelos meus pecados e pelo muito pouco que tenho feito para com Aquele que tudo me tem dado, eu tinha por obrigação enxugar as lágrimas de todos os meus irmãos mais pobres to que eu.»

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A

TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

A Igreja e o problema da Assistência

Damos hoje à estampa, na íntegra, um estudo do engenheiro Carlos Galamba, a que ele chama A Igreja e o problema da Assistência. E o trabalho veio nas páginas 149 a 155 da revista *Novellae Olivarum*, do Seminário de Cristo Rei, dos Olivais, aonde o seu autor se está preparando para o sacerdócio.

Não é costume trazer para o jornal matéria extensa, mas isto não sofre amputações. O título, o objecto, a pessoa. Tem de ir tudo como está no original, menos as citações.

O Carlos Galamba, que tem carta de engenheiro e assim é chamado pelos nossos, (O senhor engenheiro) o Carlos, digo, dentro em breves meses vai trocá-la pelo «cálice» e passa a ser chamado o senhor padre Galamba. Fica assim a *Obra da Rua mais valorizada*. O que ele escreve diz nos quem ele é. Alegrem-se os leitores e amigos. Não tem nada a temer, este jovem que se propôs perder a vida para a ganhar. Que venhal!

Por padre da rua, entendemos aquela pequenina grei, que Deus vai escolhendo e a quem dá a nostalgia de um regresso aos tempos da primitiva Igreja. Na verdade, eles estão postos entre os homens para:

- 1.º Servir.
- 2.º Aceitar o que lhes dão.
- 3.º Distribuir.

São três pontos simples e luminosos de uma regra com fundamento no Evangelho.

* * *

«Tratando dos remédios para a solução dos problemas sociais, diz Sua Santidade Pio XI na «*Quadragesimo Anno*»: «...à lei da justiça deve juntar-se a da Caridade, que é o vínculo de perfeição. Quanto se enganam portanto os reformadores incautos que, atendendo somente a guardar a justiça comutativa, rejeitam com orgulho o concurso da Caridade. Decerto não pode a Caridade substituir a justiça, quando o que é devido se nega iniquamente. Contudo, ainda que o homem alcance enfim quanto lhe é devido, restará sempre um campo imenso aberto à Caridade. Embora a justiça, praticada com todo o rigor, possa extirpar as raízes das lutas sociais, não poderá nunca sôzinha congrassar os ânimos e unir os corações. Ora todas as instituições criadas para consolidar a paz e promover a colaboração social, por mais perfeitas que pareçam, têm o fundamento da sua estabilidade principalmente no vínculo que une as almas; se este falta, tornam-se ineficazes os melhores estatutos, como tantas vezes a experiência no-lo ensinou. Por isso, só haverá verdadeira cooperação de todos para o bem comum, quando as diversas partes da sociedade sentirem intimamente que são membros de uma só família, filhos do mesmo Pai Celeste, um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, de modo que, se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele».

Este pensamento é repetido em outros documentos de Pio XI e também por Leão XIII e Pio XII. Aliás, nem é novo... Os Apóstolos o enunciaram e o viveram. E todos evocam a lição do Divino Mensageiro do Amor.

Confirmado por tal autoridade, seguro é o nosso julgamento da ineficácia da organização social, quando não informada pela Caridade.

De resto, tal julgamento é óbvio. Não sabemos nós como são débeis a nossa inteligência e vontade? Não sabemos quão falível é o critério dos homens? Quão influenciável pelas paixões e pelos acidentes de um instante? Não é conhecida a tendência tão forte para o amor próprio, quão difícil a abnegação e o amor do próximo? As qualidades naturais são sempre insuficientes para fazer vingar uma causa tão complexa. A parcialidade, o preconceito, o erro de visão, o desequilíbrio entre a razão e o sentimento sempre hão-de intrometer-se... As qualidades naturais não bastam. São excelente ponto de partida, mas se não elevadas pela Graça, se não sustentadas pela Humildade que leva a procurar em Cristo toda a sabedoria, decerto jamais atingirão seu objectivo.

É ideia corrente e acertada que a solução dos problemas sociais depende da renovação da vida cristã. Este renascimento consiste primariamente em uma reforma interior do homem. «Este ponto é capital e de grandíssima importância—diz o Santo Padre Leão XIII na «*Rerum Novarum*»—e aqui a acção da Igreja é soberana. Os instrumentos de que ela dispõe para tocar as almas recebeu-os de Jesus Cristo e trazem em si a eficácia de uma virtude divina. São os únicos aptos para penetrar até às profundezas do coração humano, que são capazes de levar o homem a obedecer às imposições do dever, a dominar as suas paixões, a amar a Deus e ao seu próximo com uma Caridade sem limites, a esmagar corajosamente todos os obstáculos que dificultam o seu caminho, na estrada da virtude».

Porque a Igreja, Depositária fiel e Mestra de princípios divinos, é a única Instituição que pode imperar tão profundamente nas consciências dos homens de modo a conduzi-los à superação do que há de menos nobre na sua humanidade; e, porque sem este esforço por um domínio heróico de si mesmos e pela doação amorosa ao bem comum se não pode operar a indispensável revolução das almas, temos de concluir que nenhuma sociedade é capaz de conseguir o êxito da acção social como Ela.

Que é assim, no-lo ensina a experiência, eloquentemente. Haverá muitos traços comuns entre as Misericórdias de hoje, departamentos do Estado, e as Santas Casas da Misericórdia do tempo da Rainha D. Leonor? Como explicar que em suas clínicas tantos médicos descrentes preferiam religiosas a enfermeiras leigas, senão porque nelas encontram um préstimo generoso que as outras não possuem? Como compreender o baixo rendimento social de tantos estabelecimentos de assistência e da própria previdência no actual sistema corporativo, senão porque a Caridade está ausente, ou nos princípios, ou pelo menos em toda a ordem da execução? Não que falte um sincero desejo de acertar! Não porque tantas vezes se não procure construir sobre fundamentos cristãos! Porém, tal não basta. «Não basta dar estrutura jurídica à organização corporativa, mas é preciso dar-lhe uma alma, isto é, um espírito de justiça e caridade sociais» — disse o então Cardeal Pacelli em carta à Semana Social de Angers.

O Professor Moralejo foca outra face da mesma insuficiência: «É necessário que os homens executem na prática esses princípios (cristãos), que os façam bons praticamente». E mais adiante insiste: «O triunfo deste ideal depende dos homens que o levarem à prática; e estes não se improvisam numa mesa de estudo, nem se transformam em pouco tempo». Esta formação, lenta, difícil, tem na Igreja a sua obreira. Os fins pretendidos obtêm-se na medida em que os homens encarregados de os conseguir estejam imbuidos de profundo espírito cristão e se mantenham ao longo do tempo fiéis às directrizes do Magistério. Ele é o Mestre da Caridade. Esta, o princípio primeiro de toda a obra social. As regras próximas da acção, nas várias modalidades, serão sempre corolários da Caridade.

Outro é ainda o perigo da ineficácia prática dos bons princípios. Não só a obra temporal ruirá, mas eles próprios serão amesquinha-dos e objecto de desconfiança. Eis um motivo poderoso para evitar diligentemente toda a discordância entre eles e a acção que inspiram, sabido que toda a incoerência é ruína.

* * *

Temos pois na Igreja a sociedade mais competente da acção social. Desta competência resulta para Ela um direito e um dever. O Estado inteligente e sério reconhecerá tal direito e facilitará o seu uso. A Igreja tem de exercer de facto esse direito ainda que o Estado não coopere.

Tal exercício está na sua linha de conduta desde o princípio. As mais antigas Igrejas se pode dar adequadamente o nome de comunidades. Leiamos em «*Actos dos Apóstolos*»:

«Unidos todos os que criam, louvavam a Deus e participavam da fracção do pão. Tinham tudo em comum. Vendiam os seus bens e distribuíam o preço por todos segundo as necessidades de cada um. E não havia nenhum necessitado entre eles, porque a multidão dos fiéis tinha um só coração e uma só alma. E os discípulos de Antioquia resolveram enviar algum socorro aos irmãos que habitavam na Judeia, os quais sabiam estar necessitados. E isto faziam com alegria e simplicidade do coração, sendo bem vistos por todo o povo». Mas, não só os fiéis assim procediam! Os Apóstolos reconheciam no cuidado dos pobres obrigação sua e de tal modo, que sendo insuficientes para toda a missão, «convocaram a multidão dos discípulos e disseram: «Escolhei de entre vós sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de Sabedoria, aos quais encarreguemos de servir às mesas».

Em Roma é conhecida a actividade caritativa dos cristãos, exercida através de associações formadas ao abrigo das leis civis e sempre sob a direcção da hierarquia. Sabemos também quanto esta acção impressionava os gentios para os quais constituía novidade.

Quando ao diácono Lourenço mandaram que apresentasse o tesouro da Igreja, ele pediu três dias para o reunir — e mostrou a multidão de crianças, velhos, doentes e viúvas, que d'ela dependia.

O mesmo zelo se encontra ao longo da História em todos os lugares pelos quais passou a Sua mão.

Sua Santidade Pio XI resume assim toda esta acção: «Pode dizer-se com toda a verdade, que a Igreja, à semelhança de Cristo, passa através do mundo a bem fazer».

Passa — diz o Santo Padre, empregando o verbo no presente. Quer dizer: ainda hoje assim é... e não pode deixar de ser. Os problemas sociais atingiram uma acuidade e movem o interesse de todos os homens como jamais. Levantam-se vozes para apresentar soluções. A grande internacional ateaista só a grande internacional católica se pode opor. Faltar, seria uma traição à Humanidade. Mas a presença tem de ser marcada pelos princípios sim e também pela aplicação deles em obras. Nos nossos dias nenhuma outra apologética impressiona mais os homens do que as obras, boas testemunhas dos princípios. «Que se aumente a confiança do povo na orientação da Igreja e se lhe dê prova experimental da sua doutrina», conforme «mandam uma gloriosa tradição e a mais urgente necessidade» — escrevia em 1925 o Secretário de Estado do Vaticano à Acção Católica Italiana. E Pio XII afirmava na sua mensagem do Natal de 1942: «O dever da hora presente é de acção e não de lamentações; devemos reconstruir o futuro para bem da sociedade, em vez de lamentar o mal presente ou passado». E em outro passo da mesma mensagem: «Quem, sobretudo e é sacerdote ou cristão, poderia ficar surdo ao grito aflitivo que, no mundo do Deus Justo, reclama justiça e espírito de fraternidade?» A Igreja vela e está presente. E pela voz do Seu Pastor supremo, exorta os Bispos «a prover a estas coisas oportunamente, com prudência e zelo, segundo as necessidades dos homens e dos lugares e a pôr em comum os seus conselhos a este respeito, sempre que se reunirem». Lembra aos sacerdotes o dever de «acudir sem demora aos pobres em geral, como ordena Cristo e Ela própria ensina». Recomenda-lhes a preferência a dar às «obras de vital necessidade para a defesa da fé e da civilização cristã» sobre «todas as outras obras, por mais esplendentes de beleza e de proveito». Repete-lhes que «um sacerdote verdadeira e evangêlicamente pobre faz milagres de bem no meio do povo, como um S. Vicente de Paulo, um Cura de Ars, um S. José Cotolengo, um S. João Bosco e tantos outros». Acusa a falta grave que haveria se «a Acção Católica somente se ocupasse da vida interior e não marcasse orientações claras e seguras no sector da vida social». Anuncia à Acção Católica: o dever de «intervir nas questões políticas

(Continua na quarta página)

A Igreja e o problema da Assistência

CONTINUAÇÃO DA
TERCEIRA PÁGINA

que se relacionarem com assuntos referentes à religião católica e à doutrina moral», acau telando indefectivelmente qualquer compromisso com os partidos políticos; a obrigação de «promover instituições de assistência onde não existirem, deixando-lhes contudo a responsabilidade e a autonomia nos assuntos exclusivamente técnicos e económicos», «pois muitas vezes não se podem atingir as almas senão aliviando as misérias corporais e as necessidades de ordem económica». Pio XI insiste: «Estas duas actuações, religiosa e social, devem trabalhar de acordo; uma sem a outra é quase sempre ineficaz». E Pio XII reclama atenção para o grande perigo actual: «que se não venha a verificar que as concepções sociais dos católicos são vigorosas, mas a sua acção social é débil».

Finalmente, a voz dos Soberanos Pontífices apela para a união de todos os Cristãos: «A situação reclama-o e reclama o imperiosa mente: são precisos corações fortes e forças unidas». Pede que se evite «a demasiada dispersão de forças que torna menos eficaz a acção social». Enumera as virtudes que mais particularmente fazem render o apostolado social: «A simplicidade, a pureza, a austeridade, a generosidade da própria vida, devem aparecer como o melhor argumento do propagandista católico, o qual terá maior autoridade para proclamar e promover os princípios da Justiça e Caridade sociais». Recorda aos pobres e aos ricos os seus deveres mútuos. Define citando S. Tomás, a liceidade no uso dos bens: «A esse respeito o homem não deve ter as coisas exteriores por particulares, mas sim por comuns, de tal sorte que facilmente dê parte delas aos outros em suas necessidades. Por isso o Apóstolo disse: Ordena aos ricos do século... que dêem facilmente, que comuniquem as suas riquezas».

Poder-se-à ficar inerte perante este clamor? Será legítimo ainda supor que a acção social é um ramo bastardo da acção espiritual?

A Igreja é a Mestra da Vida Eterna e a eternidade conquista-se no tempo. Por isso, Ela não é indiferente aos problemas temporais dos homens, de cuja solução depende tantas vezes o próprio jornadasear no Caminho do Senhor. Ela possui um plano: Quer a sociedade exterior organizada à imagem e semelhança

do seu Corpo Místico — Corpo em que circula em vez de sangue, amor; em que todas as células participam fraternalmente em todo o bem e em todo o mal de qualquer delas; Corpo vivificado por uma alma que é o Espírito Divino, governado por uma inteligência e uma vontade que são as de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Este conceito é comunitário, é familiar. Traduz a verdadeira relação entre todos os homens diante do Criador. Não pretende, como o conceito socialista, que mesmo mitigado sempre teve e tem a condenação dos Papas, não pretende — dizia — uma igualização absoluta, a esmo, mono-niveladora. Pretende sim uma igualdade hierarquizada, conforme à natureza, regida pelas leis da Justiça Sobrenatural e da Caridade.

Primeiro existiu o homem e depois a sociedade. A sociedade fez-se para o homem que a quis e conservou. Os direitos do homem têm prioridade. Mas como ele, livremente, sacrificou alguns desses direitos para formar o capital da sociedade, estes direitos dela, sem contradição dos individuais são tão sagrados como os direitos inalienáveis do homem isolado. Por isso, a Igreja, defendendo sem quebra o direito natural da propriedade privada, igualmente define a índole social deste direito. Diz Pio XI na «Quadragesimo Anno»: «Nem Leão XIII nem os teólogos que ensinaram segundo a doutrina e direcção da Igreja, negaram jamais, ou puseram em dúvida, a dupla espécie de domínio que chamam individual e social...; pelo contrário, foram unânimes em afirmar que a natureza ou o próprio Criador deram ao homem o direito de domínio particular, não só para prover às necessidades próprias e familiares, mas para que sirvam verdadeiramente o seu fim, os bens destinados pelo Criador a toda a família humana».

Note-se, como postulou Leão XIII, que o direito de propriedade é distinto do seu uso!

E, à guisa de conclusão, é ainda Pio XI quem afirma: «Ora nada disto se pode obter, senão se observa uma ordem certa e bem determinada».

O segredo desta «ordem certa e bem determinada» tem-no a Igreja e ninguém mais nem melhor do que a Igreja. Ela não cala a Sua voz a ensiná-lo e não pode negar-se a realizá-lo.

CARLOS GALAMBA

PELAS CASAS DO GAIATO

TOTAL (Continuação do Entrei para a número anterior) Misericórdia tinha eu 9 anos. Ali fiz 12 operações. Já tinha feito a oitava operação quando o Sr. Dr. me deu alta. Ora quando eu soube que tinha alta, fiquei muito contente. A Sra. enfermeira chegou-se ao pé de mim e disse-me: «Olha Joaquim, eu vou comprar um postal para escrever ao teu pai para te vir buscar». Quando esta senhora estava a escrever o postal, tocou o telefone...! Era o Sr. Dr. a dizer que me preparassem para fazer operação no dia seguinte. Isto foi a uma quinta-feira e eu depois fui operado na sexta-feira.

Ora eu que estava tão contente porque ia sair, quando a senhora enfermeira me disse: «Olha Joaquim, atendi agora um telefonema do Sr. Dr. a dizer que eras operado amanhã». Eu comecei logo a chorar pois estava com tanta alegria, e mal recebi esta notícia fiquei logo esmorecido.

Depois mais tarde, a 12 de Outubro de 1951 uma senhora enfermeira, disse-me se eu gostava de ir a Fátima. Como estava farto de sofrer disse que gostava muito de ir a Fátima para ver se Nossa Senhora me curava.

Fomos de camionete. Eu admirava-me de tudo. Nunca tinha visto um rio nem uma ponte. Não sabia nada do mundo. Já há 13 anos que estava no Hospital. Até ali, como disse, andava de gatas, hoje ando de pé com a ajuda de aparelhos. Isto não foi nada mais que um milagre.

Depois de ter os aparelhos de gesso, fui ver se era capaz de andar, pus-me de pé e dei o 1.º 2.º 3.º passo e assim sucessivamente, até que viram, que eu era capaz de andar. As senhoras enfermeiras e empregadas que estavam a ver, algumas até choraram de alegria. No dia de Natal já pude ir ao Politama.

Em Novembro de 1952, dei entrada na Casa do Gaiato.

Pois só tenho a agradecer a estas almas bondosas tudo que fizera por mim.

Joaquim A. Gouveia Marques

PAÇO DE SOUSA Cá na casa agora anda a moda das bicicletas. Só se fala de bicicletas: bicicletas práqui, bicicletas práli, corridas e mais corridas.

Como cá só temos duas bicicletas, correm dois de cada vez, a ver quem faz em menos tempo o percurso que consta de: Avenida acima, por trás das casas e no fim umas voltas ao campo de jogos.

Alguns já têm esmorrado o nariz, mas não desanimam e toca a correr outra vez...

—Um destes dias, andou a baixa altura e voando sobre a nossa aldeia uma avioneta. Foi uma autêntica desordem pois todos saíram dos seus trabalhos e das escolas, para lhes acenarem com os lenços ao que os viajantes respondiam de igual maneira.

—No dia 5 do corrente esteve na nossa aldeia o dirigente do Salgueiros, Sr. Elias Lopes Rodrigues, grande amigo da nossa obra.

A este Senhor agradecemos-lhe a visita e desejamos boa sorte ao Salgueiros, para que volte o mais cedo possível ao convívio com os grandes do Futebol Nacional.

—Pelo motivo do nosso Pai Américo estar no Gerez a gozar uns dias de merecido repouso encontra-se ao leme da nossa aldeia o Senhor Padre Adriano.

—Estamos agora na época dos exames. Daqui a dias fazem os da 3.ª classe. Os da 4.ª andam animados e pensam ficar distintos, na maior parte... Os raposas já estão à espreita.

—Mais uma vez apelo aqui para os senhores se não esquecerem da nossa conferência que precisa muito de auxílio.

Daniel Borges da Silva

A Venda do Jornal EM SANTO TIRSO

Pela segunda vez venho descrever como foi a venda do jornal em Santo Tirso e na Trofa. Santo Tirso ouviu bem o que eu disse no último número, pois que eu vendia lá 60 jornais e agora já vendo 70. É pena que eu vá só de tarde para lá, porque de manhã ando na Trofa onde também vendo muito bem. Toda a gente é muito minha amiga. Ainda a quinquena passada uma senhora em Santo Tirso me deu um fato e algumas gravatas. Cada vez tenho mais casas onde ir comer. Desta vez fui outra vez comer ao Hotel Cidnay. Hei-de ver se chego a vender os 80, e como eu digo sempre que fui um dos melhores vendedores, não parecia bem se eu agora começava a vender pouco.

Volto a insistir nos selos e no album. Peço a um senhor de Águeda que me tinha prometido uns selos, para os mandar para: Manuel Figueiredo, Lar do Gaiato, Rua D. João IV, 682 Porto. Nem só este senhor como todos os nossos leitores que me possam enviar alguns. Eu ainda não tenho uma colecção muito grande, mas já tenho alguns. O que me falta é o album. Mas espero que alguém mo mande.

MANUEL FIGUEIREDO (Risonho)

Crónica de bordo Do que nós necessitamos

Não sei porque razão, mas esta já me custou um pouco mais a escrever. Não porque o assunto seja difícil de descrever pois pelo contrário ele é do mais simples que se pode apresentar. Já duma vez escrevi que tinha pena de não ser um bom jornalista, porque se o fosse havia de escrever mais com o coração, do que com a cabeça.

Mas como estava dizendo, esta crónica custou-me um pouco a escrever. Segundo os meus cálculos, esta pouca disposição deve ser derivada de um mal que geralmente todos os nossos colonos são vítimas.

É a saudade. Portanto, nesta ocasião não é por ser ou não ser um grande jornalista, mas sim, porque esta eterna companheira de viagem não quis que eu fosse uma excepção. Com um pouco de esforço, consegui vencê-la por instantes, para vos contar mais algumas pormenores desta viagem.

Para começar vai o arraial minhoto. Isto esteve animado. Houve as anúncias das sardinhas assadas, as farturas, o vinho, etc.. Para complemento houve também um baile. Só faltaram os foguetes e os rapazes a correrem atrás das canas.

No dia seguinte ao do arraial chegamos a S. Tomé pela manhã. Embora a linha do Equador atravessasse esta ilha, o calor naquele dia não era muito.

De tarde tomamos rumo à colónia de Angola. Das três cidades que tive ocasião de conhecer nesta colónia, o Lobito encheu-me as medidas. Nem Luanda, nem Moçâmedes. Luanda embora seja uma cidade já bastante grande, a parte baixa não me agradou. A cidade do Lobito é mais pequena, mas mais bem arranjada. A sua baía é das coisas mais lindas do nosso Portugal. Quanto a Moçâmedes tenho fracas recordações.

Diziam que havia muito peixe nesta zona e como não podia deixar de ser quis mostrar a minha habilidade de pescador. Gastei vinte e cinco escudos em fio e anzóis.

Todos quantos se comprometeram a enviar mensalmente o *óbulos da viúva* às nossas Viúvas, têm cumprido; e nós também. Ontem foi o dia da distribuição, por ser fim de mês. Vários grupos recreativos passam por aqui aos domingos e deixam sinal de muita simpatia. Assim é que, no domingo passado, estive a *Enxurrada da Fábrica de Tabacos*, ao Campo 24 d'Agosto, com o produto dos seus mealheiros. São à volta de 4000 operários.

Oficina de Picadilho	500\$00
Oficina n.º 2	500\$00
Outra vez oficina n.º 2	460\$00
Oficina de máquinas	320\$00
Oficina de Pique	190\$00
Contabilidade	104\$00

E a procissão continua, como vem a dizer no final da lista. São tostões dos operários. Mais de Lisboa 100\$ de uma avó, com o pedido de celebrar uma missa pelos seus netos. Sim senhor. Da Beira, África, uma mãe condóida

No fim de contas a única coisa que consegui pescar foi um dedo da mão e ter que ir à enfermaria pagar cinco escudos para me tirarem o anzol do dedo.

Como vêm, fracas recordações. Chegaremos amanhã ao Cabo e de lá vos envio estas simples impressões da minha viagem a caminho do Luabo.

CARLOS GONÇALVES